

Economia, política e existência humana – Os efeitos da crise financeira internacional de 2008 sobre o Brasil: uma análise a partir do pensamento de Paul Tillich

Elton Vinicius Sadao Tada¹
George Felipe Rezendes Tada²

RESUMO:

O presente artigo parte de um fato recente para trabalhar com a conhecida Teologia da cultura de Paul Tillich. O fato a ser analisado é a crise financeira internacional de 2008, que esteve presente na mídia e que ainda se faz presente nos âmbitos econômicos da sociedade. Através do pensamento de Paul Tillich busca-se compreender como o ser humano pode ser afetado por um evento cultural concreto de sua realidade, e demonstrar que a condição religiosa humana está nas bases de todo evento cultural humano.

Palavras-chave: crise econômica mundial; Paul Tillich; Teologia da cultura

Economics, politics and human existence - The effects of 2008 international financial crisis on Brazil: an analysis on the thought of Paul Tillich

ABSTRACT:

The present article parts from a recent fact to work with the Paul Tillich's Theology of culture. The fact that is going to be analyzed is the world financial crises of 2008, that was present in the media and that is still present in the economics ambits of society. Parting from Tillich's thought we search to comprehending how the human being has been affected

-
- 1 Teólogo. Mestrando em Ciências da religião pela UMESP – Universidade Metodista de São Paulo. Bolsista da Capes. Orientado pelo Dr. Claudio de Oliveira Ribeiro.
 - 2 Formando no curso Ciências econômicas pela UEM – Universidade Estadual de Maringá.

by a concrete cultural event, and demonstrate that the human religious condition is in the basis of every human cultural event.

Key-words: world economical crises; Paul Tillich; theology of culture

EPÍGRAFE

Vamos sair!

Mas não temos mais dinheiro

Os meus amigos todos

Estão procurando emprego...

Voltamos a viver

Como há dez anos atrás

E a cada hora que passa

Envelhecemos dez semanas...

(RENATO RUSSO – trecho da música “Teatro dos vampiros”)

Introdução

A história mundial nos mostra o encaminhamento das relações sociais para um afunilamento recente da análise da condição do ser humano no mundo através de seu papel político e econômico. Vivemos num mundo globalizado, o qual apresenta faces a serem visitadas e interpretadas das mais diversas formas. Paul Tillich, o teórico adotado como base para a presente discussão, nos deixou um valoroso legado que pode nortear análises sobre nosso mundo atual.

Há de se dizer que Tillich, por ter falecido em 1965 deixou de ver muitas coisas que pertencem ao nosso mundo contemporâneo. Obviamente sua obra não esgota as possibilidades de análise social da condição humana nos dias atuais. Todavia, ferramentas podem ser utilizadas a partir de seu pensamento, de modo a continuarmos, ainda que de maneira singela, a fortuita análise que o pensador fez de seus dias.

Não nos voltaremos aqui para a análise social dos tempos de Tillich. Refletiremos a partir do pensamento tillichiano a situação atual de nosso mundo. O evento escolhido como chave de análise da situação político-econômica do ser humano atual é a crise econômica internacional, fato que se deu recentemente, com seu ápice no ano de 2008,

e continua alcançando várias partes da vida prática do ser humano em todo mundo com sua larga e densa sombra. Há a especificação de analisar tal situação no âmbito específico do Brasil, da economia brasileira, das políticas brasileiras nos tempos de crise, e do posicionamento do ser humano brasileiro no mundo globalizado hodierno.

Para tanto dois passos serão dados no presente texto: o primeiro será analisar a crise econômica mundial e seus efeitos no Brasil. O segundo é nos questionarmos sobre qual seria o posicionamento tillichiano ante a tal crise econômica e qual a leitura teológica que pode ser feita do mesmo no contexto da realidade brasileira.

Sobre a crise financeira mundial de 2008

Com as taxas de juros relativamente baixas estipuladas pelo banco central norte-americano, Federal Reserve (FED), as instituições financeiras daquele país procuraram fontes de investimento que gerassem maiores taxas de retorno. Uma das alternativas foram as hipotecas imobiliárias. Este mercado apresentava-se bem consolidado com taxas de crescimento relativamente lento. Foi então que os bancos inseriram uma nova modalidade de crédito para financiamento de residências, o mercado do *subprime*³, este que era composto por tomadores que supostamente não teriam condições de honrar com as obrigações contratadas. Contudo, a utilização de modelos estatísticos para análises de crédito os consideravam bons tomadores, e assim subestimavam os riscos. (CARVALHO, 2008). Nas Palavras de Maia:

O desenvolvimento da securitização levou ao crescimento do mercado de derivativos financeiros, que, até o presente, permanece relativamente obscuro. Foi justamente nesse mercado, com as mortgages-backed securities (MBS) de categorias Alt-A e subprime, que a crise atual se

3 Pessoas com situação econômica não-compatível com o que se vinha cumprindo até então nas linhas de financiamento imobiliário. Ou seja, uma outra classe social foi atingida através desse plano. Tal classe não estava inserida nas normas para hipotecas anteriormente. Isso foi feito com interesse no aumento de lucro por parte dos bancos. Posteriormente essa categoria não conseguiu honrar com o pagamento da hipoteca por conta da elevação dos juros.

iniciou, espalhando-se rapidamente para outros ativos e instituições. As MBS eram garantidas por seguros que, por sua vez, reduziam o risco desses papéis, ampliando os ratings fornecidos pelas agências de risco. À medida que se tornaram menos arriscados, esses títulos foram comprados por fundos de hedge e utilizados como colateral para obter recursos que eram utilizados para comprar mais mortgages-backed securities. (MAIA, 2009, p. 76).

Inseriu-se, então, a partir do mercado imobiliário, o mercado de derivativo de títulos lastreados⁴ sobre as hipotécas, que os bancos lançavam como fundos de investimento, colocando em determinado portfólio, títulos de primeira linha com os de segunda linha⁵. Então, a partir de 2006, com o elevação das taxas de juros e das parcelas das hipotecas, houve aumento sensível da inadimplência.

Com a queda no pagamento dos juros, os investidores que haviam comprado os títulos lastreados em hipotecas viam seus rendimentos desaparecerem. Crescendo o temor de maiores prejuízos, estes investidores procuravam se desfazer destes títulos, gerando queda nos preços, já que todos que detinham papéis semelhantes viam o risco de sofrerem perdas. Foi então que os ativos⁶ dos bancos reduziram-se drasticamente, devido à queda do preço dos títulos que detinham e pela necessidade de venda de outros papéis em momento desfavorável a preços baixos para cobrir os custos causados pela crise que se instalava. A crise de insolvência⁷ dos bancos e temor espalhou-se rapidamente para todos os mercados, ocasionando a fuga dos investidores para papéis mais seguros, como os títulos do tesouro americano, considerados de risco nulo. Com a queda do crédito no mercado e incerteza quanto ao destino da economia, os bancos emprestaram menos e as empresas sofreram com a escassez de recursos, sendo obrigadas a cortar investimentos, ocasionando queda no consumo, o que posteriormente, resultou na redução da renda e uma onda de demissões na economia mundial.

4 Títulos de um mercado especulativo, que giram em torno da hipoteca, nesse caso específico.

5 Aqui se ofereciam juntas para investimento as hipotecas normais das subprimes.

6 Toda posse da empresa.

7 Falta de verbas para cobrir os prejuízos.

Sobre os efeitos da crise no Brasil

No Brasil, embora com menos força quando comparada a outras nações, a crise internacional também exerceu reflexos perversos, que contradizem as teorias clássicas da auto-regulação do mercado. Em termos técnicos, ao passar dois trimestres consecutivos com crescimento negativo, a economia brasileira encontrou-se em recessão durante o último trimestre de 2008 e início de 2009 (Tabela 1).

Tabela 1 – Variação do PIB (Trimestre imediatamente anterior)

Ano	1º trim.	2º trim.	3º trim.	4º trim.
2008	1,38	1,08	1,54	-3,14
2009	-1,12	1,37	1,85	1,94
2010	2,52	-	-	-

Fonte: Banco Central

As formas de contágio da crise internacional na economia brasileira se deram de duas maneiras. Primeiro, pela queda da captação de financiamento externo pelas grandes empresas, que naquele momento foram restringidas a demandar crédito do mercado nacional, onde as taxas de juros são relativamente maiores que as internacionais. Segundo, a fuga de capitais do mercado brasileiro deveu-se tanto pela necessidade das empresas internacionais enviarem recursos para cobrirem as perdas nas contas de suas matrizes, em seus países sedes, quanto ao próprio efeito manada⁸ decorrente da incerteza nos mercados mundial e nacional. (PAULA, 2008).

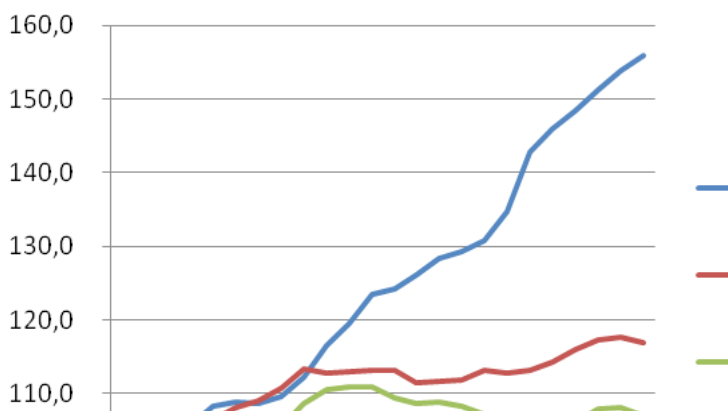
Devido as condições de incerteza quanto ao futuro, a oferta de crédito interno restringiu-se, sobretudo ao comportamento dos bancos pelo “empoçamento de liquidez”⁹ (PAULA, 2008). Segundo a teoria da preferência pela liquidez, de John Maynard Keynes, em uma economia monetária de produção onde o futuro é incerto, os agentes econômicos tenderiam a demandar uma determinada quantia de moeda de acordo com as variações da taxa de juros. Segundo Carvalho (1996), a moeda acalma as inquietações daqueles sujeitos quanto a riscos imprevisíveis.

8 Efeito de mímeses por parte dos acionistas.

9 Medida cautelar de retração de moeda e títulos líquidos.

É a partir desta abordagem, da teoria da preferência pela liquidez, que os pós-keynesianos inseriram ao comportamento do setor bancário às escolhas na composição de seu portfólio. De acordo com essa teoria, os bancos tendem a alocar seus recursos em ativos que conciliem liquidez e rentabilidade. Ou seja, se a incerteza aumentar (isto é, se o grau de confiança nas expectativas diminuir), a preferência pela liquidez crescerá e as demandas por ativos se deslocarão para ativos mais líquidos ainda que menos rentáveis. (CARVALHO, 2007, p. 14). Em outras palavras, os bancos, como qualquer agente econômico, possuem preferência pela liquidez em momento de futuro incerto, ou seja, tendem a reduzir os ativos que apresentem maior prazo de maturidade, privilegiando nestes períodos, ativos que possuam maior liquidez. Portanto, cabe atentar que como em momentos de expansão econômica, os bancos possuem expectativas positivas, considerando baixo risco e possibilidade de lucros maiores, portanto, tenderá a haver uma maior oferta de crédito. Para a fase contracionista do ciclo econômico, se realiza o inverso, já que as expectativas quanto ao futuro são incertas, aumentando as posições mais líquidas, levando os bancos a retrain o crédito. (MAIA, 2009).

Gráfico 1 – Origem do Crédito Bancário no Brasil – Número Índice (jan/2008 = 100)



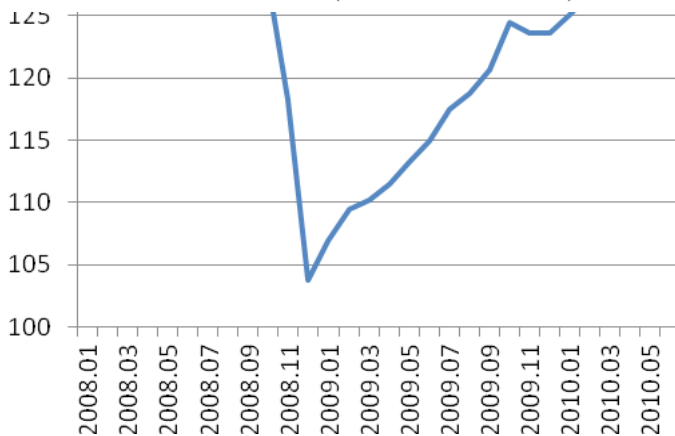
Fonte: Banco Central

Para o período pré-crise, é possível verificar um aumento na quantidade de crédito tanto das instituições públicas quanto privadas (Gráfico

1). A partir de setembro de 2008, houve uma retração na oferta de crédito proveniente das instituições privadas, tanto instituições nacionais quanto estrangeiras. Em contraste, deve-se principalmente às instituições públicas o aumento total de crédito no Brasil a partir desse período.

A redução da concessão de crédito durante esse período no mercado brasileiro, aliada à elevada taxa básica de juros (SELIC) que se manteve em 13,75% a.a., por certo que contribuíram para a redução do nível de investimento e demanda interna. O reflexo da queda do nível de investimento pode ser verificada na redução da produção industrial (Gráfico 2), que apresentou queda vertiginosa a partir de setembro de 2008 (130,76), até chegar ao seu menor valor em dezembro de 2008 (103,81).

Gráfico 2 – Índice de Produção Industrial no Brasil - indústria geral - índice dessazonalizado (média 2002 = 100)



Fonte: Ipeadata

No cenário externo, o Brasil possuía o mais elevado estoque em reservas internacionais, cerca de 207 milhões de dólares em setembro de 2008. O menor nível, apresentado em fevereiro, cerca de 200 milhões de dólares, não gerou grandes distúrbios ao restante da economia, já que a partir de fevereiro as reservas internacionais voltaram a apresentar tendência de alta.

Com relação à balança comercial, onde são contabilizadas as transações de bens comercializáveis com o resto do mundo, o país vinha

somando superávits ao longo de 2008, ou seja, o valor das exportações eram superiores aos das importações. Em maio de 2008, o país alcançou um superávit de cerca de US\$ 4 bilhões. Com o início da crise e redução da demanda externa, país apresentou redução tanto das exportações quanto importações, até o ponto de constatar um déficit na balança comercial, no mês de janeiro de 2010, cerca de US\$ 530 milhões (Gráfico 3).

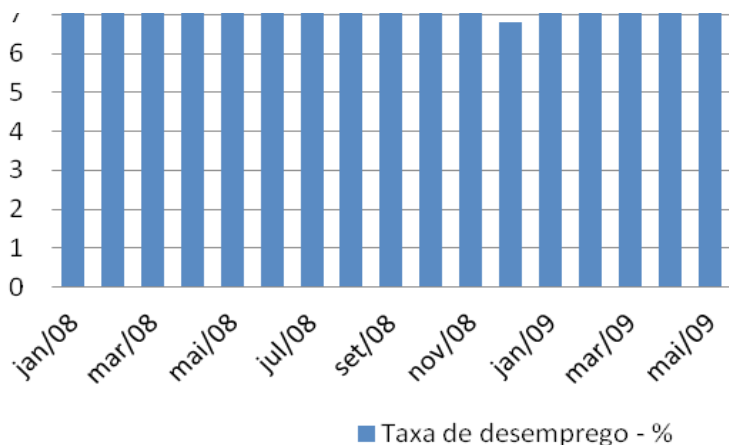
Gráfico 3 – Balança Comercial Brasileira - saldo em US\$(milhões)



Fonte: Ipeadata. Elaboração Própria

A manutenção da alta taxa básica de juros no final de 2008, aliada à diminuição na concessão de crédito no mercado brasileiro, contribuíram para a redução da demanda interna. Juntamente com a queda da demanda externa, o cenário da economia brasileira não seria outro além da queda da produção e início do aumento das taxas de desemprego. Os efeitos nas variáveis reais, tanto no nível de investimento, produção, consumo e emprego começaram a sofrerem seu maior impacto no início de 2009.

Gráfico 4 – Taxa de Desemprego



Fonte: Banco Central

As taxas de desemprego, que ao longo do último trimestre de 2008 ainda apresentavam certa estabilidade, cerca de 7,5% da população economicamente ativa, sofreram um salto no primeiro mês de 2009, passando para de 6,2% em dezembro de 2008 para 8,2% em janeiro de 2009, e, alcançando seu ápice em março, quando a taxa de desemprego foi de 9%.

Coube ao estado, a realização de políticas econômicas a fim de minimizar os impactos da crise. Dentre as políticas contra-cíclicas adotadas, destacamos a junção das políticas monetária e fiscal. Coube à primeira, a redução na alíquota de depósito compulsório¹⁰, aumento do limite de isenção para compulsório sobre depósitos¹¹, autorização para os bancos públicos de compra de bancos privados, e finalmente, a redução da taxa básica de juros (taxa SELIC)¹². Dentro da política fiscal, foi utilizado principalmente a redução de impostos, a exemplo a redução das alíquotas do imposto sobre produto industrializado (IPI), como forma de reduzir custos para as empresas e aumentar o poder de compra dos agentes. (PAULA, 2008).

A manifestação que se poderia esperar da crise financeira internacional sobre a população brasileira seria conseqüentemente a redução

10 Depósito compulsório é aquilo que é mandado obrigatoriamente para o banco central a partir dos depósitos efetuados em um banco.

11 Desconto prévio do depósito compulsório.

12 Referencial de taxa de juros para toda a economia.

em seu bem-estar social¹³, decorrente da queda nos investimentos das empresas devido à onda de incerteza naquele momento, que ocasionou uma retração do nível de produção, reduzindo a demanda efetiva, que conseqüentemente, resultou no aumento do nível de desemprego.

Uma reflexão a partir do pensamento de Paul Tillich

A partir daqui o ponto é entender como o pensamento tillichiano pode trazer luz à tão recente evento como o da crise financeira internacional. Esse exercício é válido se levarmos em conta a necessidade de reler o pensamento tillichiano em prol da compreensão e melhoria dos nossos dias. Não que reler o pensamento tillichiano por si só não seja um exercício válido, mas aplicá-lo no contexto real de nossos dias é um engenho que mantém tal pensamento vivo e válido.

É sabido que o posicionamento de Tillich é primordialmente socialista. Entretanto, não se pode esquecer que, por mais que analisemos o pensamento tillichiano de um ponto de vista político-econômico, ele continua a ser um teólogo e filósofo, preocupado tanto com a ontologia quanto com a questão do ser humano em geral.

A participação de Tillich na escola de Frankfurt também é um pressuposto que pode ser levado em conta quando tentamos entendê-lo a partir de um ponto de vista social. Tillich foi um leitor de Karl Marx, e essa leitura se deu de maneira profunda e profícua, de modo que o pensamento social do teólogo é, em muitos casos, baseado nos princípios deixados por Marx. Eduardo Gross afirma que:

Tillich, evidentemente, faz várias referências a concepções de Marx e do Marxismo em geral. Além disso sua participação ativa no grupo, que refletia sobre o socialismo religioso em Berlim, o aproxima do círculo de discussão das idéias políticas que sofreram forte influência do marxismo. Por fim, o fato de as pessoas próximas a ele pertencerem à chamada Escola de Frankfurt também aponta para vizinhança ao contexto das idéias oriundas do marxismo (GROSS, 2006, p.55).

Paul Tillich afirma que “na economia de livre mercado a atitude em relação às coisas materiais se torna dominadora, sem amor, e sem

13 Baseado no consumo.

senso de comunidade”¹⁴. Já aqui podemos perceber que a preocupação de Tillich não se limita a entender a economia, mas sim em verificar a consequência da mesma para o ser humano.

Segundo Tillich:

Esta atitude sem amor e dominadora em relação às coisas, possui um efeito duplo. Ela emancipa os homens das coisas santas finitas que reivindicam para si próprias a santidade do eterno; os liberta de uma escravidão santificada para coisas e exalta a personalidade sobre o reino completo das coisas. Este é o efeito protestante da economia liberal. Ao mesmo tempo, entretanto, limita a personalidade pressionando-a para um serviço sem fim na regra sobre coisas empobrecidas. Assim a própria personalidade é empobrecida e devota ao mundo do finito. Este é o efeito do espírito capitalista na economia liberal¹⁵

Aqui podemos notar mais uma vez como Tillich se preocupa com a relação e os efeitos da economia no ser humano.

Então, podemos nos perguntar se acaso as falhas e os acontecimentos em geral provenientes da crise econômica internacional de 2008 não possui, de fato, uma influência sobre a condição humana. E mais particularmente podemos nos questionar se a realidade do ser humano brasileiro não foi afetada por tal crise.

A princípio, podemos notar, como acima dito, que o Brasil sofreu um impacto breve da crise monetária internacional. Entretanto, não podemos dizer com exatidão qual foi o impacto da crise monetária internacional sobre os indivíduos brasileiros. Obviamente cada caso possui suas particularidades. O que se pode dizer em termos gerais é

14 “in the free market economy the attitude toward material things comes to be dominating, loveless, without the sense of community with them” (TILLICH, the religious situation).

15 “this dominating, loveless attitude toward things has a twofold religious effect. It emancipates men from finite holy things which claim for themselves the holiness of eternal; it releases them from a sanctified bondage to things and exalts personality above the whole realm of things. That is the protestant effect of liberal economy. At the same time, however, it confines personality by pressing it into endless service in the rule over impoverished things; thus personality itself is impoverished and devote to the world of the finite. That is the effect of the capitalist spirit in liberal economy” (Tillich religious situation)

que a crise monetária internacional é um efeito cultural humano, e por ter tal natureza pode afetar o ser humano profundamente.

A distinção que deve ser aqui feita é que o ser humano ao passar por uma crise monetária não é afetado apenas no que diz respeito ao âmbito monetário. Sua existência em geral pode ser afetada.

A teologia da cultura de Paul Tillich nos dá ferramentas para entender como um fenômeno como este pode ocorrer. O princípio básico é que por trás de todo evento cultural existe uma profundidade religiosa. Vale lembrar que “religioso” no sentido tillichiano diz respeito à existência do ser humano. Paul Tillich afirma que:

Não existe linguagem sagrada caída de um céu sobrenatural para ser encerrada nas páginas de um livro. O que existe é a linguagem humana, baseada em nosso encontro com a realidade, em evolução ao longo do tempo, usada para as necessidades cotidianas, para expressão e comunicação, literatura e poesia, bem como para mostrar a preocupação suprema (TILLICH, 2009, p.89).

Através da citação acima feita podemos notar que os acontecimentos reais são fatores importantes para o entendimento e são âmbitos que necessariamente precisam ser analisados para o entendimento da condição humana.

A crise econômica mundial acima comentada é um desses acontecimentos reais que devem ser compreendidos dentro da relação do ser humano com sua expressão cultural e com sua profundidade religiosa.

Nas palavras de Paul Tillich, podemos notar o quanto qualquer evento cultural é válido para o entendimento da condição humana e para a expressão da profundidade religiosa do mesmo:

Na presença do incondicionado (A majestade de Deus, na linguagem tradicional do cristianismo), não há esfera preferida. Não há pessoas, escrituras, comunidades, instituições, ou ações que são santas por si próprias, nem há alguma que seja profana por si própria. O profano pode professar a qualidade da santidade, e o santo não cessa de ser profano (TILLICH, 1966, p.71).¹⁶

16In the presence of the Unconditioned (the Majesty of God, in the traditional language of Christianity), there is no preferred sphere. There are no persons, scriptures, communities, institutions, or actions that are holy in themselves, nor are there any that are profane in themselves. The profane can profess the quality of holiness, and the holy does not cease to be profane (TILLICH, 1966, p.71).

O princípio básico do pensamento tillichiano que rege toda a presente análise é o seguinte: “a religião, considerada preocupação suprema, é a substância que dá sentido à cultura, e a cultura, por sua vez, é a totalidade das formas que expressam as preocupações básicas da religião” (TILLICH, 2009, p.83). Essas preocupações básicas da religião são basicamente as preocupações do ser humano que é finito em relação ao infinito que se lhe apresenta, ou seja, são preocupações existenciais profundas.

As preocupações existenciais profundas que Tillich aponta como sendo o âmbito religioso do ser humano podem ser expressos culturalmente de diversas formas, inclusive a partir da política e da economia. É a partir daí que se infere que a crise monetária internacional pode conter uma demonstração da realidade cultural humana a partir da qual problemas existenciais profundos podem ser expressos.

Os efeitos da crise monetária internacional são diversos. Entretanto, cada ser humano envolvido na mesma pode desenvolver uma maneira de lidar com ela, sendo que a mesma pode gerar efeitos que levem à reflexão existencial profunda. O índice de desemprego no Brasil, por exemplo, é um fator que pode ter afetado existencialmente milhares de pessoas. Essas pessoas podem não fazer uma reflexão teórica tal como aqui se apresenta, mas a profundidade de sua existência é passível de alterações que são potenciais pontos de reflexão sobre a condição humana. Se o ser humano reflete sobre sua própria existência e percebe sua finitude enquanto ser humano, então pode-se dizer tillichianamente que o mesmo respondeu religiosamente ao evento em questão.

Considerações finais

Por fim devemos considerar que a crise monetária internacional abalou vários pontos da vida humana. Por mais que esses eventos tenham ocorrido em grande escala, devemos levar em conta que fatos particulares de inúmeras espécies e em diversas esferas podem ter ocorrido por causa da crise. Assim, a particularidade do ser humano pode ter sido afetada de diversas formas, as quais em casos específicos ou hipotéticos podem ter levado o indivíduo envolto na questão a refletir sobre seu ser e sua finitude.

Dentro desses parâmetros o pensamento tillichiano nos permite refletir o quanto eventos como o da crise monetária internacional que normalmente são encarados apenas como acontecimentos de larga proporção e distantes de nossa realidade brasileira, são também eventos culturais, e assim sendo podem afetar a qualquer ser humano que entre em contato com o mesmo.

É variável o momento, a situação a condição e a proporção que esse evento possa ter afetado a particularidade dos brasileiros. Entretanto, há de se dizer que o ser humano tem seu ser abalado e sua reflexão sobre a existência a finitude efetuadas quando eles estão prontos a notar os eventos que o circundam. Não é o tamanho do evento que causa a mobilidade sobre a reflexão acerca da finitude humana, mas a predisposição do ser humano de encontrar nele motivos para repensar religiosamente sua existência.

Referências

CARVALHO, Fernando C. de. Entendendo a recente crise financeira global. Publicação da associação keynesiana brasileira. Dossiê da crise. 2008. Disponibilizado no site WWW.ppge.ufrs.br/akb

GROSS, Eduardo. *Tillich leitor de Marx*. In: HIGUET, Etienne & MARASCHIN, Jaci (edits.). *A forma da religião: Leituras de Paul Tillich no Brasil*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2006. 223 p.

OREIRO, José L.; ARAUJO, Eliane. Sim, o Banco Central do Brasil errou, e muito, na condução da política monetária durante a crise financeira mundial. 6 Fórum de economia de São Paulo. 2009.

PAULA, Fernando L. de. Preferência pela liquidez e a natureza da crise brasileira. Publicação da associação keynesiana brasileira. Dossiê da crise. 2008. Disponibilizado no site WWW.ppge.ufrs.br/akb

SOBREIRA, Rogério. Derivativos e a crise de crédito. Publicação da associação keynesiana brasileira. Dossiê da crise. 2008. Disponibilizado no site WWW.ppge.ufrs.br/akb

VIANNA, Salvador W; ARAUJO, Eliane; MODENESI, André. Desafios e oportunidades da crise. 2009.

TILLICH, Paul. *A coragem de ser*. Trad. Eglê Malheiros. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 2001.

_____. *Christianity and the Encounter of the World Religions*. New York & London: Columbia University Press, 1963.

_____. *Dynamics of faith*. New York: Perennial, 2001.

_____. *Filosofia de la religion*. Buenos Aires: La Aurora, 1973.

_____. *Perspectivas da teologia protestante nos séculos XIX e XX*. 2 ed. São Paulo: ASTE, 1999, p255.

_____. *Teologia da cultura*. Trad. Jaci Maraschin. São Paulo: Fonte editorial, 2009.

_____. *Teologia Sistemática*. Trad. Getúlio Bartelli. 5ª edição revista (três volumes em um). São Paulo: Paulinas/São Leopoldo: Sinodal, 2005. 735 p.

_____. *The Future of Religions*. New York: Harper & Row Publishers, 1966.

_____. *The religious situation*. Michigan: Meridian books, 1956.

_____. *Theology of Culture*. Oxford-England: Oxford University Press, 1959.

_____. *What is religion*. New York: Harper & Row, 1973.